

O MUSEU DOS CHAPÉUS

Diego Matheus Oliveira de Menezes

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.147937

Vou contar, meu caro, uma antiga lembrança que alimenta, nas profundezas de minhas incertezas, meu mais obscuro temor. Talvez você ache pouco, julgue, quando me calar, que tudo não passa de uma besteira, exagero de uma cabeça ávida por dar sentido a sutilezas irrelevantes. Entretanto, de nada importa se foi ou não coincidência, muito menos se foi a mera ação do acaso pregando uma peça nos meus sentidos. Basta o fato ter acontecido e repercutido na coerência de meu íntimo de tal forma a reforçar um pavor há muito escondido. Ser ilógico para o outro de nada importou, ser lógico para mim marcou minha existência violentamente. Por isso carrego o peso da certeza do amanhã inevitável.

Era moço. Lembro de já lhe ter mencionado sobre o ano que abandonei aqui meus sonhos de metrópole para buscar novas ideias nas cidades desconhecidas. Pois bem, quase no final dessa épica viagem, encontrei uma certa cidade. Nessa época já cobria minha cabeça com esse velho chapéu. O tenho desde sempre, e há muito tempo não sei por que o uso, acho feio, deselegante, mas nunca consegui sair sem ele. E era exatamente esse pensamento que ocupava minha mente quando reparei que todos os moradores, sem exceção, também usavam chapéu. Da menina que brinca de amarelinha ao velho que joga gamão na praça.

A curiosidade atiçada pelo fato incomum me fez rodar a cidade interrogando todos. Dos que esbarrei em minha investida, a única resposta satisfatória foi de um senhor meio calvo que pedia esmolas. – “Ora estrangeiro! Que

pergunta besta. Uso desde sempre pois estou vivo desde sempre. Se estivesse morto não estaria mais de chapéu. Iria pra herança de família. Isso é claro se, livre-me Deus, não morrer na guilhotina. Como a cabeça do infrator pertence ao Estado o chapéu vai para o museu. É aquele ali o Museu dos Chapéus.”

Estava a caminho do museu quando uma turba passa em marcha. Logo percebi que estas criaturas eufóricas estavam em procissão para celebrar mais uma execução. Sem pensar aderi ao grupo. O êxtase deles me contagiou rapidamente, em segundos, já sentia a raiva ardente dos que pedem a cabeça de outro. Não o conhecia e nem precisava. Justiça é somente um mero argumento retórico para justificar execuções. Não é disso do que este ritual se trata. Ele é nada mais do que um procedimento para aplacar o desespero incontrolável de um povo frustrado com a realidade imposta. Se redescobrir para construir algo novo é difícil e perigoso demais, executar e culpar o vizinho é mais simples.

O ritual começou rapidamente. A cabeça expressiva do condenado se desgruda do corpo e rola majestosamente em direção a uma das cestas. Em uma harmonia invejável o chapéu também desgruda da cabeça e cai altivo em outra cesta. Por fim, a plateia, aplacada pela fúria vertical da guilhotina, se dispersa rapidamente. Petrificado, fui empurrado, quase a pontapés, pelo velho senhor que cuidaria da limpeza. Atônito, precisei de algumas horas para recobrar alguma consciência.

O museu ficou inacessível durante o resto do dia. Dormi em uma pousada, e logo pela manhã fui visitá-lo. Era imponente. Centenas de chapéus emoldurados em fileira. Embebido por sensações inexplicáveis me entreguei a tocar, cheirar, sentir tudo que via. Estava perdido na infinidade particular que aquela cena me remetia quando minha mão esbarra com uma moldura vazia. Instantaneamente percebo que tem as medidas exatas para acomodar o meu inseparável chapéu. Estava ela lá, naquela cidade desconhecida esperando pacientemente aquilo que cobria minha cabeça.

Submissão: 20/07/2018

Aceite: 17/10/2018